

OLHARES DE PROFESSORES DE HISTÓRIA SOBRE SUA FORMAÇÃO

Elison Antonio Paimⁱ
UNOCHAPECÓ

Esta comunicação é pautada em projeto de doutorado desenvolvido junto a Faculdade de Educação da Unicamp, no grupo Memória. Neste momento pretendo discutir como os professores –sujeitos da ação pedagógica cotidiana escolar - percebem o estágio curricular desenvolvido na sua formação inicial.

Com os estudos que venho realizando sobre a formação de professores algumas questões vão sendo vislumbradas, especialmente quanto a heterogeneidade de formas e concepções quer teóricas, quer metodológicas sobre o tema. As diferenças na forma de olhar para os professores estão pautadas nas formas de perceber a função docente, que pode ser, numa perspectiva de manutenção ou de mudança em relação as estruturas políticas e sociais vigentes. O que é central nesta discussão é como se olha **sobre, para** ou **com** o professor. Olhar sobre e para o professor, pressupõe alguém de fora do seu mundo que o observa e analisa, pautado uma hierarquia entre pesquisadores e os professores; Enquanto que para olhar com, é preciso deixar que os professores se coloquem, se expressem, é preciso a construção de análises conjuntas entre academia e escola, se não entre iguais, no mínimo numa relação entre saberes diferenciados e não um sobrepondo-se ao outro.(Contreras:2002)

A formação do professor precisa ser realizada de forma que este consiga agir por conta própria ao exercer suas atividades profissionais pensa-se inicialmente romper com a hierarquia dos saberes e a divisão social da produção do conhecimento, onde o professor, “fica profissionalmente inerte frente a este componente de sua profissionalidade: tendo como função básica a reprodução do saber, não pode participar na elaboração pedagógica do mesmo, pelo que se limita a dependência em relação a agentes exteriores que lhe dão modelado o currículo (livros-texto) ou a reproduzir o conhecimento adquirido”.(SACRISTÁN, 2000, 96)

Pressupondo que o conhecimento não esta dado, não é fechado como verdades absolutas, Sacristán (2002:83), propõe que “ a prática deve ser inventada pelos práticos. Quer dizer, a prática não pode ser inventada pela teoria, a prática é inventada pelos práticos. O problema é saber o papel que cumpre a teoria na invenção da prática”.

A teoria se constitui enquanto ferramenta e não como uma camisa de forças que amarre ou aprisione a realidade, portanto, ela deve servir como instrumento que contribua para analisarmos a realidade pelo olhar dos saberes da experiência, através dos quais o professor munido de referencial teórico, “procura articular o saber pesquisado com a sua prática, interiorizando e avaliando as teorias a partir de sua ação, na experiência cotidiana. Deste modo, a prática se torna o núcleo vital da produção de um novo saber dentro da práxis”. (GHEDIN, 2002:135)

Ao trabalhar numa perspectiva que considere os professores como sujeitos do processo, de seu fazer-se, sou levado a partilhar das reflexões de Walter Benjamim (1986, 115) sobre o que a modernidade capitalista fez com a experiência, assim para ele: “Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre foi comunicada aos jovens. De forma concisa, com autoridade da velhice, em provérbios, de forma prolixa, com a loquacidade, em histórias; muitas vezes com narrativas de países longínquos, diante da lareira, contados a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração à geração? Quem é ajudado hoje por um objeto oportuno? Quem tentará sequer lidar com a juventude invocando sua experiência?”

Além de Walter Benjamim, Thompson (1981), nos propõe pensar a sociedade através das experiências, que conforme afirma, não são apenas a superestrutura da sociedade pois, “homens e mulheres experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades”. Estas questões, são fundamentais para que possamos discutir a formação de professores junto com professores, junto com a experiência, levando-se em consideração o que o professor pensa, como vive, quais

experiências tem para contar, que metodologias desenvolve, qual a relação que faz entre teorias e práticas cotidianas, enfim precisamos deixar de pensar a formação para ou sobre o professor.

É preciso romper com a idéia de formar professores, pensando que, “Nós nos tornamos nós mesmos através dos outros”(VIGOTSKI, Apud PINO,2000,65) Assim, Os professores, enquanto seres humanos, se constroem em sociedade, ou seja, em ambientes sociais tais como em família, na escola/universidade e posteriormente na escola enquanto profissionais, é uma construção permanente e acontece nas mais diversas relações sociais. Particularmente no aspecto profissional este fazer-se é inteiramente social. Para que esse fazer-se ocorra de maneira relacional é fundamental o diálogo, pois este, “apresenta-se como um a forma de conexão entre a linguagem e a vida, tornando possível que a palavra seja o espaço, no qual os valores sociais contraditórios se confrontam.(Bolzan: 2002,50)

Numa perspectiva teórico-metodológica que concebe o professor como alguém a ser formado, construiu-se historicamente a idéia de prática dissociada de teoria, ou seja, os cursos de licenciatura no Brasil foram pensados e organizados calcados numa dicotomia entre teoria e prática, entre ensino e pesquisa. Assim, cristalizou-se a idéia de que o estágio ou prática de ensino deve ser ao final do curso totalmente desvinculado das teorias. Neste momento realiza-se a prática partir daquilo que vem acontecendo na escola, o acadêmico deverá desenvolver sua docência na temática/conteúdo do programa do professor regente da turma onde estagiará.

Enquanto professor de Prática de Ensino de História, busco romper com a formação dicotômica. Procuo construir uma relação de confiança e tranquilidade ao desenvolver as atividades preparatórias e de realização das práticas, mas, percebo o tempo todo a angústia dos alunos em relação ao momento do estágio onde serão avaliados. O trabalho é desenvolvido ao longo de três disciplinas.

Na Prática I, procuro conceituar Prática de ensino, enfatizando que esta não é uma atividade isolada no curso, que para fugir da racionalidade técnica, eles precisam se colocar como sujeitos do processo, devem agir de forma autônoma... As atividades se desenvolvem a partir de uma série de textos e relatos de experiências de práticas de ensino desenvolvidas por professores dessa disciplina em várias Universidades Brasileiras e como foi desenvolvida com outras turmas de nosso curso. Posteriormente fazemos discussões sobre o que é ensinar História, quais as discussões que vem sendo travadas sobre o tema em fóruns como ANPUH, Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História, Perspectivas do Ensino de História e ENDIPE. Num terceiro momento os acadêmicos realizam um de Estágio de Observação, onde os acadêmicos vão até uma escola, dialogar com professores de História e assistir suas aulas procurando captar diferentes aspectos da prática pedagógica, da escola, dos alunos, dos demais professores... Esta atividade tem por objetivo, um primeiro contato com o cotidiano escolar. Inicia-se a atividade com uma breve entrevista com o professor, procurando conhecê-lo minimamente quanto a sua formação, suas práticas, planejamento, concepção de História; Posteriormente, começam as observações propriamente ditas, onde devem atentar para todos os aspectos das práticas desenvolvidas em sala de aula quer pelo professor ou pelos alunos; Realizada esta “coleta” de informações os acadêmicos produzem um relatório daquilo que observaram e apresentam-no em classe. Procuramos então em conjunto traçar perfis do ensino de História que está sendo realizado nas escolas da área de abrangência da UNOCHAPECÓ. Expostas as observações, realizados os comentários... lanço um questionamento: o que e como pode ser diferente no ensino de história? Este, fica como desafio para que eles procurem realizar no momento do estágio um ensino diferente, que busque considerar os alunos como produtores de conhecimento.

Na Prática de Ensino de História II, procurando pensar algo diferente daquilo observado nas escolas os acadêmicos desenvolvem seu projeto de estágio pensando uma temática preferencialmente vinculada ao seu TCC. As aulas vão sendo realizadas procurando mostrar para os acadêmicos diferentes possibilidades teórico- metodológicas. Dentre as atividades propostas estão a leitura de artigos que abordem a temática livro didático, analisamos alguns manuais didáticos; Realizamos diversas leituras teóricas intercaladas com atividades práticas sobre o uso de

recursos didáticos como fotografia, cinema, charges, gravuras, desenhos, depoimentos orais...coloco-os em contato com vários relatos escritos sobre atividades de ensino já realizadas; Além desta parte os acadêmicos devem ir produzindo textos didáticos sobre a sua temática de pesquisa. Neste período, pensam todos os detalhes de como, onde, quando e com quem irão realizar o estágio.

Na prática III, os acadêmicos realizam a execução de seu projeto de estágio, quer na forma de extensão ou ensino. Após realizadas as atividades docentes produzem um relatório sobre a experiência vivenciada enquanto docentes e em um seminário de avaliação, cada um expõe sua experiência, facilidades, dificuldades...

Estas atividades são previstas e realizadas durante o curso, evidentemente aqui foram narradas sob o meu olhar, o olhar de professor das disciplinas, mas e o olhar dos acadêmicos qual é? Como eles viveram estes momentos? Como analisam? O que os marcou nesta experiência...? A questão central que estou buscando respostas com minha pesquisa é: Como os alunos egressos, do Curso de História da UNOCHAPECÓ nos anos de 1998 e 1999, avaliam a experiência de passar de acadêmicos para profissionais? O principal instrumento de coleta de informações são os depoimentos orais, gravados. Quanto à amostra selecionei depoentes que procurem expressar as diversas condições de trabalho, ou seja, escolas públicas municipais, estaduais e particulares.

Inicialmente, quero destacar as falas que enfatizam a idéia do estágio como sendo algo negativo que serve para amedrontar, reprovar... chegando até mesmo a ser como falou a professora Elisabete M. “o estágio em si, a tua matéria era uma coisa meio traumatizante” O medo da crítica, da avaliação também foi expresso pela professora Dirce, quando afirmou que “no estágio você dá o máximo de você, porque sabe que o teu orientador vai estar lá te analisando. Não para te dar uma nota, mas de repente pra estar criticando o teu assunto, né, pra tar... é que, não sei, na hora dá um gelinho, né?”

A professora Angela C. questiona a validade em desenvolver o estágio, se não seria apenas uma formalidade, cumprir uma norma institucional, como ela expressou: “eu posso até ser questionada por isso, e gostaria até de ser questionada, mas assim, parece ser muito mais uma formalidade, né, uma necessidade de formalizar uma, uma imposição da instituição, ou do curso. É lógico que ele não fica solto no espaço que você tá trabalhando, que você trabalha um assunto que é importante, que você utiliza metodologias que às vezes depois você não... acaba nem utilizando, ou acaba achando que ela não tem mais uma importância, né, mas no meu caso, eu acho que eu já tava fazendo isso. Então quem sabe se eu fosse, se seu fosse fazer um estágio da forma como eu estava trabalhando, ou né, quem sabe teria sido um pouco mais, mais produtivo, né, e da forma que, que eu fiz, no caso, parecia que era muito assim, eram meus alunos, eu estava fazendo uma coisa, avaliada, né, e que passava muito a ser assim uma imposição, uma coisa que tu tinha que fazer”

Segundo a professora Joana, muitas vezes o estágio acaba sendo para o acadêmico conseguir uma boa nota. Como evidencia-se em sua fala a cultura da nota esta muito presente entre os acadêmicos, o medo da reprovação, de não conseguir ou até mesmo fazer aquilo que vai agradar o professor. Percebe-se em sua fala que apesar de todos os argumentos usados durante o curso as questões da cultura da escola como fala TARDIF “o saber dos professores é profundamente social e é, ao mesmo tempo, o saber dos atores individuais que o possuem e incorporam à sua prática profissional para a ela adaptá-lo e para transformá-lo”.(2002:15) Aquilo que a professora trouxe dos saberes de sua experiência quer como aluna ou já como professora, expressa como esses saberes perpassam sua fala, vejamos: “Bom, o estágio como você falou mesmo, é um momento especial, eu acho que ele é importante, só que muitas vezes o aluno, o universitário, o aluno faz toda aquela preparação, né, porque tá visando também a conclusão do curso, uma nota né. Mas com isso vem também o conhecimento, né, a experiência. Então é óbvio que sempre você tira proveito e foi importante, porque é a partir dele que você pode parar pra, né, pra reconstruir as suas aulas. Você pode ter dele um exemplo, né, a partir daí a seguir, pra mudar tuas aulas, porque a gente sabe que

nem todos os dias, todas as aulas que você dá, você trabalha de maneira diferenciada. No dia a dia dentro de sala, no teu trabalho como profissional, ele é bastante, né, ele é atribulado.”

Mas, por outro lado, podemos perceber elementos de positividade da experiência onde se vivência elementos que serão da cotidianidade escolar. Várias outras afirmam que o estágio contribui que dá pistas sugestões, indica caminhos...como afirmou a professora Vanda “o estágio eu sinto que ele é necessário sim. O estágio é necessário porque se você não tem uma visão prévia onde que depois você voltar, fica meio difícil. Porque assim, mesmo você fazendo todo um estágio, mesmo assim você nunca tá preparada pra desenvolver um bom trabalho na escola, na sala de aula.” Ou ainda como expressou a professora Marilita, o estágio è “Um incentivo muito grande, no sentido assim que muitas coisas eu não tinha nem idéia de como poderia trabalhar, com os alunos.”

A professora Dirce, destacou os aspectos práticos da realização das atividades de estágio, que segundo ela contribuiu para mostrar caminhos diferentes outras possibilidades, especialmente para aqueles que como ela já trabalhava antes como professora: “Então assim, você procura dar o máximo de ti, procura fazer a aula o melhor possível, procura textos bons, procura ver uma dinâmica diferente de grupo. Nesse sentido eu acho que contribuiu, porque você percebe que pode dar uma aula diferente. Até então, de repente, a aula, ela era monótona, ela era tradicional, ela era vista da mesma forma. A partir daí você percebe que consegue criar outras perspectivas. E pode estar reutilizando, né, essas formas, essas dinâmicas de grupo diferentes nas turmas. Assim, nesse sentido, eu acho que teve uma boa contribuição”.

Mas nem só de elogios são as memórias em relação a realização do estágio, apontam críticas, dão pistas de como pensam hoje sobre a experiência vivida naquele momento, em suas falas marcou enquanto experiência e não como mais uma vivência como diria Benjamim. Nesse sentido a fala da professora Angela C., reforça as diferenças entre o momento do estágio e depois, “mas quando você se depara na sala de aula é diferente. é extremamente diferente, porque lá você tá lidando com pessoas.(...) Então eu acho que, é extremamente importante a disciplina no caso, né, toda a informação que elas trazem, mas isso não nega o impacto que tu vai ter depois, né, de tá trazendo isso pra prática, pra realidade.”

Um aspecto que foi destacado por quase todos é quanto ao tempo de duração do estágio, doze horas aula, afirmam ser necessário maior tempo, para poder acompanhar mais de perto, inclusive verificar resultados. Nesse sentido destaque das falas alguns aspectos. A professora Gentília, afirmou que “o estágio foi um... eu acho que foi uma das coisas muito boas que aconteceram, porque aí nós praticamos algum, fomos pra prática mesmo, apesar de ter sido bastante curto, que eu acho que deveria ser mais longo. eu acho que sim, porque daí você vai criando um hábito maior em fazer a coisa, entendeu? porque daí é só aquele momento, você fez e acabou. não. quer dizer, você tem que ter continuado”.A professora Angela C., também destacou a duração “muito curto, né, uma coisa assim, pequena, não é uma coisa que você, que realmente é um estágio que você vai ter um espaço maior pra tá, pra tá esperando pra ver esse resultado, né, então você colhe o resultado, mas depois colhe extra, de forma extra, né, então fica bastante limitado”.

Algumas professoras apontaram sugestões quanto forma e ao desenvolvimento do curso como um todo, dá necessidade dos próprios professores universitários pensarem que estão formando professores, vejamos a fala da professora Jucemara, “tem muitas, tem muitas falhas que teria que ser aí, sugeridas digamos durante o percurso ali do curso, por exemplo, você tá cursando, é professores assim estarem mais preocupados. Se eu estou formando, se eu estou ali formando, educadores eu tenho que estar preocupada um pouco nesse sentido”

Quanto as contribuições do estágio para pensarem as práticas e os momentos na escola hoje, conseguem perceber que houve preocupações em trabalhar teoria e prática de forma integrada, pois o que foi trabalhado durante o estágio não ficou isolado e sim integrado com as práticas que vem desenvolvendo hoje. Destaca-se a fala da professora Elisabete M., “a organização, a aula e a organização do estágio foi o que me deu a base pro trabalho que eu vim fazer depois. foi através daquela montagem daquele estágio, né, da busca da gente, das formas que a gente ia trabalhar o

estágio, que foi com isso que eu me baseei no futuro, quando eu fui trabalhar depois, nesses anos que eu tive após a faculdade”.

A experiência do estágio tornou-se significativa para esses professores, pela proximidade com suas vidas através do vínculo entre produção de conhecimento e ensino, por não cumprir apenas uma formalidade, por estar próximo ou em muitos casos ser diretamente relacionada com a vida deses acadêmicos. Neste sentido assim se expressaram quanto a forma de desenvolver o estágio em cima da temática desenvolvida como pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso-TCC.

Para a professora Luzia, ter preparado todo o estágio em cima da temática de pesquisa “eu acho que foi muito gratificante, meu Deus, eu acho que o meu curso marcou a minha vida, em função de que eu fiquei conhecendo a minha história. Então foi uma coisa assim, gratificante pra mim, porque eu poderia ter feito qualquer outro tema, sobre Santa Catarina, sobre o Brasil, mas nunca seria tão importante pra mim, como foi conhecer a minha origem, a minha história, a minha família, assim, a minha formação, que eu acho assim, que ali abriu um monte de visões pra mim tá adquirindo outros conhecimentos agora.”

A professora Jussara destacou as contribuições da pesquisa desenvolvida para os alunos: “a questão do estágio também foi muito importante, nós trabalhamos o mesmo tema que foi pesquisado, os textos que foram construídos, os trabalhos que a gente pôde fazer com eles foi assim bem ligado com a vida deles, foi assim interessante, a gente percebeu que os alunos gostaram, a questão de ter trazido as nossas entrevistadas pra eles conversarem, eles puderam confrontar os textos com os depoimentos delas, e também ver elas falando ao vivo ali pra eles”.

A professora Angela S., destacou o aspecto de complementariedade entre a pesquisa e o estágio, “tanto fazer a pesquisa de campo, quanto aplicar na prática de ensino, uma, uma completa a outra, né, eu acho que assim, pesquisando, fazendo essa pesquisa de campo, depois pondo em prática, a gente consegue perceber aonde que tem falhas, se teve falhas, de o que poderia ter sido melhor na pesquisa de campo, o que faltou na pesquisa de campo que poderia tá melhorando, eu acho que ajuda sim, eu acho que elas têm que caminhar sempre juntas, as pesquisa de campo e prática”

Para encerrar destaque ainda nesse sentido a fala da professora Angela, ao afirmar que “isso é fantástico. isso eu acho que é superinteressante, porque, que a gente fez isso, né. Então, a pesquisa sobre a Escola no Assentamento Burro Branco, que nós estávamos desenvolvendo, era sobre a realidade das pessoas, que nós fomos fazer o estágio, né. Era sobre o processo de vida deles, era sobre o cotidiano deles, a forma deles pensarem a vida deles, né. Então isso foi interessante, porque as pessoas acabam tendo consciência do seu mundo, daquilo que elas acham que passa despercebido, que a gente não, não dá a devida atenção pras coisas pequenas, né, pras minúsculas coisas que vão acontecendo, na, no cotidiano, na realidade das pessoas. E isso também eles vão ter consciência, conseguem, como é que eu vou dizer assim, entender melhor, se entender melhor, e ver que aquela história deles, que a vida deles, que passa assim sem muita reflexão, sem muito, passa batido, que é importante, e que é fruto de pesquisa. Que é fruto de análise, que várias pessoas tão discutindo essa, a experiência de vida dessas pessoas, né. Então é super interessante.”

Como vimos na primeira parte desta comunicação, muitos tem procurado pensar a formação de professores mas, mesmo os pesquisadores progressistas vem centrando suas interpretações numa perspectiva em que, o que os professores pensam não é levado em consideração, são discussões genéricas sobre um professor sem rosto, sem nome, sem identidade, sem experiência é o professor não é o João, a Maria, o Pedro... Os depoimentos de professores aqui trabalhados evidenciam a necessidade que nós acadêmicos temos de urgentemente passarmos olhar para a formação de professores numa transição do **formar** para o **fazer-se**. Pois como Thompson já nos mostrou a algum tempo, a classe operária não nasceu pronta, ela foi se construindo, fazendo-se, tornando-se sujeito, nascendo enquanto categoria histórica. O que aconteceria se passasemos a pensar junto com os professores a sua formação no seu fazer-se como sujeitos autômos?

Referência Bibliográfica

BENJAMIM, Walter. **Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BOLZAN, Dóris. **Formação de Professores**- compartilhando e reconstruindo conhecimentos. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CONTRERAS, José. **A Autonomia de Professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

GHEDIN, Evandro. Professor Reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido e GHEDIN, Evandro. **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002, p.129-150.

PINO, Angel Sirgado. O Social e o Cultural na Obra de Vigotski. In: **Educação & Sociedade. no 71-Vigotski – O manuscrito de 1929**.Campinas: CEDES, 2000, p. 45- 78.

SACRISTÁN, J. Gimeno. O Currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

_____.Tendências Investigativas na Formação de Professores. In: PIMENTA, Selma Garrido e GHEDIN, Evandro. **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002, p.81-87.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes & Formação Profissional**. Petrópolis:Vozes, 2002.

THOMPSON, Eduard Palmer.O Termo Ausente: experiência. In: **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.180-201.

NOTAS

ⁱ - Professor de Prática de Ensino de História na Universidade Comunitária Regional de Chapecó- UNOCHAPECÓ. Doutorando em Educação pela Unicamp.